

Novos Rumos: jornal do Partido Comunista Brasileiro

“Novos Rumos”: newspaper of the Brazilian Communism Party.

Jorge Ferreira¹

Resumo:

Novos Rumos foi jornal publicado pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). O primeiro número é de janeiro de 1959 e o último de março de 1964. O jornal expressava a linha política adotada pelo PCB, inaugurada em 1958. O artigo tem como objetivo principal analisar o conteúdo das páginas de *Novos Rumos*. O jornal é, ao mesmo tempo, fonte e objeto de estudo.

Palavras-chave:

Novos Rumos. Imprensa comunista. Partido Comunista Brasileiro.

Abstract:

Novos rumos (New Directions) was newspaper published by the Brazilian Communist Party (PCB). The first issue dates from January, 1959, and the last one was published in March, 1964. The newspaper expressed PCB's political line of thought, which had its roots in 1958. The article aims to analyze the content of the pages in *New Directions* (Novos Rumos). The newspaper is at the same time, the source and object of study.

Keywords:

Novos Rumos. Communist press. Brazilian Communist Party.

O PCB e seus jornais

Entre partidos e organizações de esquerda tornou-se tradição publicar jornais que se tornassem porta-voz de suas orientações políticas.

¹ Professor Titular de História do Brasil da Universidade Federal Fluminense, Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, Pesquisador 1 do CNPq e Pesquisador da FAPERJ. Autor de *Jango. Uma biografia*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2011, *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Rio de Janeiro/Niterói, Mauad/Eduff, 2002, organizador de *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2001, entre outros livros. E-mail: jorge-fer@uol.com.br

Por meio de um veículo de comunicação, o partido expressava a linha política adotada, veiculava mensagens enaltecedoras de si mesmo, desqualificava os inimigos, mobilizava a militância, publicava notícias sobre o movimento revolucionário, esforçava-se para arregimentar novos filiados e adeptos, entre outras atividades.

No caso brasileiro, o Partido Comunista (PCB) não fugiu a essa regra. Fundado em 1922, três anos mais tarde o II Congresso do partido decidiu criar um jornal próprio. Assim, em 1925, surgiu *A Classe Operária*, órgão oficial do partido. Astrojildo Pereira, Octávio Brandão e Laura Brandão estiveram à frente da fundação. Três meses depois, foi fechado pelo governo e somente voltou a circular em 1928, apoiando o Bloco Operário Camponês. Fechado novamente no ano seguinte, retornou em 1930, mas com edições irregulares até 1945.

Com a democratização de 1945, *A Classe Operária* retornou de maneira regular. Paralelamente, o partido publicou outro jornal em maio daquele ano: *Tribuna Popular*. Não se tratava de veículo oficial do partido, embora fosse vinculado a ele. Compunham a direção Paulo Mota Lima, Dalcídio Jurandir e Carlos Dummond de Andrade. O objetivo de *Tribuna Popular* era alcançar o grande público. Mas as interferências do Comitê Central eram constantes, causando atritos entre a direção partidária e os jornalistas, sobretudo pela postura sectária dos dirigentes.

Com a decretação da ilegalidade do PCB, os jornais do partido sofreram grande perseguição do governo Dutra. *Tribuna Popular* foi fechado em dezembro de 1947 e *A Classe Operária* em maio de 1949.

O partido, na ilegalidade, realizou grande esforço para reabrir os jornais. No caso de *Tribuna Popular*, era necessário substituí-lo por um jornal que realizasse a mesma tarefa de alcançar um amplo público. Nesse sentido, em 1948, surgiu *Imprensa Popular*². Não se tratou, no entanto, da substituição de um por outro. Com a orientação política sectária do “Manifesto de Agosto”, *Imprensa Popular* apresentava linha editorial afinada com o radicalismo do documento. A proposta era de revolução imediata.

A Classe Operária voltou a ser publicada em 1951, mas com outro perfil. Tornou-se jornal mensal, com matérias voltadas para teoria marxista e notícias sobre o avanço do comunismo no mundo. No ano seguinte, deixou de existir definitivamente.

Seu lugar como porta-voz oficial do PCB foi tomado por *Voz Operária*³. Fundado em 1949, encontravam-se, em suas páginas, as

² Sobre *Imprensa Popular* ver Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. CPDOC/FGV.

³ Sobre *Voz Operária* ver Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. CPDOC/FGV.

principais teses do partido para discussão da militância, notícias sobre o movimento comunista e as mobilizações operárias. A partir de 1952, o jornal conheceu mudanças, sobretudo no sentido de atrair maior público: fotografias, caricaturas e notícias de interesse nacional – e não apenas partidário –, bem como sessões dedicadas ao cinema, às artes, à literatura e ao teatro. Uma novidade, sem dúvida. Não tardou, porém, para surgirem as primeiras tensões entre os jornalistas e a direção partidária.

O Comitê Central acusava os jornalistas de adotarem linha “reformista”. A tensão alcançou o apogeu com a divulgação do “relatório Kruchtev”, em fevereiro de 1956. Desconhecendo o Comitê Central do partido, os jornalistas abriram as páginas de *Voz Operária e Imprensa Popular* para debater as graves denúncias contidas no relatório. A autonomia do grupo, renovador e antiestalinista, que dirigia os jornais, tornou-se intolerável para o “núcleo dirigente”. Assim, musculosos estivadores invadiram as redações dos jornais e, pela violência, expulsaram os jornalistas. Com o episódio, o grupo renovador deixou o partido em maio de 1957. Entre eles estavam Osvaldo Peralva, Agildo Barata e Aidano do Couto Ferraz⁴. No ano seguinte, *Imprensa Popular* deixou de circular. *Voz Operária* perdeu o estilo e o vigor e, em 1959, foi fechado. Sem os melhores nomes de seu jornalismo e com problemas de financiamento, a imprensa comunista decaiu.

Rumo aos novos rumos

Entre 1954 e 1958, o PCB viveu três experiências importantes em sua história: o impacto político do suicídio de Vargas, o desenvolvimentismo do governo Kubitschek e os debates provenientes do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Para José Antonio Segatto, o partido tomou uma nova orientação e deu início a “um processo de renovação e formulação daquela que ficou conhecida e reconhecida, pelo seu núcleo dirigente, como uma ‘nova política’”⁵. As mudanças foram sintetizadas em um documento conhecido como “Declaração de Março de 1958”.

O documento reconhecia que o capitalismo estava se desenvolvendo no país, o que favorecia a luta pela democracia. Mas duas contradições

⁴ Sobre os debates acerca das denúncias contidas no relatório Kruchtev e o debate na imprensa comunista, veja FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Rio de Janeiro/Niterói, Eduff/ Editora Mauad, 2002 e SANTOS, Raimundo. *A primeira renovação pecebista*. Reflexos do XX Congresso do PCUS no PCB (1956-1957). Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1988.

⁵ SEGATTO, José Antonio. *Reforma e revolução: as vicissitudes políticas do PCB (1954-1964)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995, p. 33.

deveriam ser superadas: uma, entre a nação e o imperialismo; outra, entre o avanço das forças produtivas e as relações de produção semifeudais no campo. A contradição entre o proletariado e a burguesia continuava existindo, mas não exigia solução imediata naquele momento⁶. Segundo José Antonio Segatto, para os comunistas, a revolução brasileira seria anti-imperialista, antifeudal, nacional e democrática. A direção da revolução estaria a cargo de uma Frente Única, composta pela burguesia nacional e outras classes sociais, mas todas sob a liderança do proletariado. A Frente deveria formar um governo nacionalista e democrático e promover a reforma agrária, a política externa independente, a ampliação das liberdades democráticas, entre outras reformas econômicas e sociais.

Com a “Declaração de março”, o PCB reconhecia a “possibilidade e a viabilidade do caminho pacífico para a revolução brasileira”⁷, ocorrendo dentro da legalidade democrática e constitucional – embora a alternativa da luta armada não fosse descartada do horizonte político. A nova orientação política dos comunistas permitiu a abertura do partido para a sociedade. O partido cresceu, alcançando expressão na política brasileira.

Surge *Novos Rumos*

Afinado com a nova orientação política, *Novos Rumos* foi fundado em janeiro de 1959 no lugar de *Voz Operária* e tornou-se órgão de comunicação semioficial do PCB. Como o nome diz, o jornal expressou a nova linha adotada com a chamada “Declaração de Março de 1958”. Eram os “novos rumos” do partido.

O artigo, portanto, tem o interesse de analisar o jornal *Novos Rumos* e o conteúdo de suas páginas. O jornal comunista é o objeto de estudo e, ao mesmo tempo, a fonte da própria pesquisa.

Novos Rumos era de propriedade da Editora Aliança do Brasil Ltda. Orlando Bonfim Júnior era o diretor do jornal, Fragmon Carlos Borges o diretor executivo e Luis Mário Gazzano o redator-chefe. A redação do jornal era na Avenida Rio Branco, 207, 17.º andar, no Rio de Janeiro. Mas havia uma edição produzida em Minas Gerais e sucursais em São Paulo e Paraná. A publicação do jornal era semanal e, todas as terças-feiras, estava disponível ao público. O logotipo era chamativo.

⁶ SEGATTO, op. cit. p. 80.

⁷ Ibidem, p. 81. Em agosto e setembro de 1960, praticamente atuando na semilegalidade, o partido realizou seu V Congresso, confirmando a linha geral da “Declaração de março”, com pequenas alterações.



A partir do número 220, da semana de 10 a 16 de maio de 1963, surgiu, em cima do título, em uma faixa preta, a expressão: *nacionalismo democracia socialismo*. O jornal, a partir daí, definia com clareza seus objetivos. Na parte de baixo, outra linha preta. Abaixo dela, o ano da publicação, a semana e o número da edição. O jornal era modesto: quatro folhas, correspondendo a oito páginas de notícias. O preço do exemplar, em 1963, era de Cr\$ 20,00. Na época, o salário-mínimo era de Cr\$ 21.000,00. O jornal oferecia assinaturas anual, semestral e trimestral. A anual custa Cr\$ 1.000,00. Com o reajuste do salário-mínimo em janeiro de 1964, para Cr\$ 42.000,00, o preço do jornal foi reajustado, custando Cr\$ 30,00 – mesmo preço de jornal da grande imprensa, como *Correio da Manhã*.

Tratava-se de jornal editado legalmente e sua tiragem chegou a 60 mil exemplares. O conteúdo era voltado mais para os quadros do partido do que para o grande público. De acordo com as orientações da nova linha política, *Novos Rumos* era mais aberto e menos sectário do que seus antecessores. Com o golpe civil-militar de 1964, o jornal foi fechado⁸.

Colaboradores

Escreviam em *Novos Rumos* nomes bastante conhecidos entre os comunistas brasileiros. Alguns deles assinavam coluna fixa. Pedro Severino era responsável pela coluna “Tópicos Típicos”, Pedro Mota Lima “Fora de Rumo”, Marco Antônio “Crônica de Brasília” e Josué Almeida “Nota Econômica”. A coluna intitulada “Vida Sindical” não tinha autor fixo, sendo os mais presentes Agostinho Oliveira, Roberto Morena e Geraldo Rodrigues dos Santos. As colunas nem sempre se

⁸ A partir daí *Voz Operária* foi ressuscitado, mas de maneira muito precária, à base do mimeógrafo. Em 1980, ocorreu outra alteração: *Voz Operária* foi substituída por *Voz da Unidade*. A alteração do nome demonstra a reorientação da linha política do partido: de uma organização de classe para o projeto de frente popular. Nesse mesmo ano, o grupo prestista passou a publicar clandestinamente *Voz Operária*.

repetiam em cada edição do jornal, mas a presença delas era constante. Diversos colaboradores assinavam matérias com temas diversos. Entre os mais conhecidos da militância estavam Astrojildo Pereira, Carlos Marighella, Giocondo Dias, J. Câmara Ferreira, João Massena Melo, Leandro Konder, Hércules Correa, Rui Facó e Sinal Palmeira.

Uma coluna, em especial, chama a atenção. É intitulada “Teoria e Prática”, assinada por Apolônio de Carvalho. Nela, os leitores encontravam reflexões teóricas sobre o marxismo e o leninismo. Por vezes, Apolônio respondia cartas de leitores. Em uma delas, um militante de Porto Alegre formulou uma pergunta que se tornou o subtítulo da própria coluna: “Há algum exemplo concreto de transição pacífica para o socialismo?”⁹. Apolônio de Carvalho respondeu, citando ideias defendidas por Marx, em Amsterdam, em 1872, e Lenin, com suas Teses de Abril. Nos dois casos, garantiu Apolônio, Marx e Lenin defenderam a possibilidade real de revolução socialista por via pacífica. Como “exemplo concreto”, citou a Revolução Cubana e o caso da Revolução dos Conselhos, na Hungria, em 1919. Diversos temas foram tratados na coluna “Teoria e Prática”, como “A propaganda do marxismo-leninismo”¹⁰; “A estrutura partidária dos países socialistas”¹¹; “O que é um marxista? O que é um comunista?”¹²; “Que virá após o comunismo?”¹³; “O que é mais-valia?”, entre outros¹⁴.

Notícias internacionais eram orientadas, via de regra, para denúncias de opressão política e social em países ocidentais, a exemplo da oposição à ditadura de Salazar em Portugal, da resistência do povo ao poder de Franco na Espanha, da dominação estrangeira na Guiana Francesa, do racismo presente nos estados do sul dos Estados Unidos, entre outras. Mas também havia notícias exaltando o avanço do socialismo em diversos países. Um dos mais noticiados era Cuba. Sobretudo denúncias de agressões dos Estados Unidos contra o governo liderado por Fidel Castro e a defesa incondicional do processo revolucionário cubano. Carlos Marighella, em artigo intitulado “A vitória da revolução cubana”, acusava os Estados Unidos de tentativas de desestabilização do governo de Cuba e apontava contradições dentro do ministério de João Goulart. Para Marighella, “forças entreguistas e reacionárias que atuam, sobretudo, no Itamarati e contam com o apoio do ministro gorila Araújo Castro, trabalham ao lado dos norte-americanos pelo rompimento do Brasil com

⁹ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 238, p. 13-19 de setembro de 1963, p. 5.

¹⁰ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 237, 5, 6-12 de setembro de 1963, p. 5.

¹¹ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 250, 2-12 de dezembro de 1963, p. 5.

¹² *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 253, 27 de dezembro de 1964-2 de janeiro de 1964, p. 5.

¹³ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 257, 24-30 de janeiro de 1964, p. 5.

¹⁴ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 262, 6-12 de março de 1964, p. 5.

Cuba”. Desse modo, a política externa brasileira “teria deixado de refletir o sentimento do povo e os próprios interesses da burguesia nacional”¹⁵.

Novos Rumos não tinha seção dedicada à arte, à cultura e ao entretenimento. No máximo, havia, muito raramente, comentários de filmes e resenhas de livros cujos autores estavam afinados com o partido. Um dos livros comentados foi *Cangaceiros e fanáticos*, de Rui Facó. Para o resenhista Luís Costa, Facó não negava a existência do “misticismo”, mas sua tese central era a de que os movimentos sociais conflituosos ocorridos no nordeste brasileiro foram resultados da “estrutura semifeudal (e no atraso decorrente) o germe de todas as lutas empreendidas pelos cangaceiros” e pelos chamados “fanáticos” – caso de Canudos e Juazeiro¹⁶. Jacob Gorender, por sua vez, também comentou o livro de Rui Facó, mas formulando uma série de críticas ao livro, apesar de reconhecer os inúmeros méritos¹⁷.

Também havia charges, assinadas por Roma. Por vezes, o caricaturista apresentava uma tira intitulada “Pé-de-Cabra”. Suas charges voltavam-se, sobretudo, para criticar Carlos Lacerda, Ademar de Barros e o imperialismo norte-americano.

Interessante observar uma publicação na página 5 das edições de *Novos Rumos*, a partir de maio de 1963. Com o título de “romance”, podia-se ler um trecho do livro de Alexandr Soljenitsin, *Um dia na vida de Ivã Denissovitch*, traduzido para o português¹⁸. O livro narrava um dia na vida de um prisioneiro em um campo de concentração soviético na época de Stalin – na verdade, um dia na vida do próprio Soljenitsin. Tratava-se do processo de desestalinização, patrocinado por Krushev que, na época, estava na liderança do Kremlin.

Publicidade

Novos Rumos não se sustentava por publicidade comercial. Seu orçamento era garantido com vendas de números avulsos, assinaturas e, muito certamente, com financiamento do próprio partido. Mas era comum encontrar anúncios de livros. Frequentes eram boxes com livros da Editorial Vitória. Alguns anunciados eram *Trabalho Assalariado e Capital* e *Salário, Preço e Lucro*, ambos de Karl Marx. Livros de autores

¹⁵ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 254, 3-9 de janeiro de 1964, p. 8.

¹⁶ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 238, 13-19 de setembro de 1964, p. 5.

¹⁷ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 245, 1-7 de novembro de 1963, p. 5.

¹⁸ A primeira publicação de trechos do livro ocorreu no número 220, de 10-16 de maio de 1963.

soviéticos eram muito comuns: *A Origem da Vida*, de A. Opárin, e *A Albumina e a Vida*, de A. Braustein, ambos biólogos soviéticos, eram livros que explicavam a origem da vida no planeta Terra¹⁹. Livros soviéticos recebiam destaque. A Agência Intercâmbio Cultural, por exemplo, vendia algumas publicações soviéticas em língua espanhola. Entre as mais anunciadas estavam *Obras de Krushiov*; *Obras Escolhidas de Lênin*, em dois volumes; *Sobre a Coexistência Pacífica*, de Lênin; *Economia Política*, de P. Nikitin; *A Liberdade do “Mundo Livre”*, de Markov; *O Comunismo e a Liberdade do Indivíduo*, de J. Mondzhian, entre diversos outros²⁰. Revistas soviéticas também eram vendidas. Entre os títulos estão *La Mujer Sovietica*, *Novedades de Moscu*, *Tiempos Nuevos* e *International Affairs*. As revistas eram editadas em russo, inglês, francês e espanhol²¹. Pelos títulos anunciados, conhecemos o conjunto de leituras que os militantes da época tinham acesso. Chamam a atenção os títulos voltados para o tema da “coexistência pacífica” entre o capitalismo e o comunismo.

Havia, também, chamadas de outro tipo. Em dezembro de 1963 e janeiro de 1964, inúmeras organizações profissionais, entre sindicatos, uniões, associações e federações de trabalhadores, desejavam aos leitores “Feliz Natal” e “Próspero Ano Novo”. As mensagens podiam vir, por exemplo, do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários de Campos (RJ)²². Ou, então, da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado do Rio de Janeiro²³. Mas é curioso observar que, majoritariamente, as mensagens natalinas e de próspero 1964 vinham das cidades de Santos e São Vicente (SP). E não apenas de organizações de trabalhadores, mas também da Prefeitura Municipal de São Vicente e de estabelecimentos comerciais, caso da Comercial Importadora Novolar, das Confeccções Cruzeiro Ltda. e da Casa Rosário²⁴. Os milhares de trabalhadores portuários e o prestígio dos comunistas entre eles explicam a proliferação desses anúncios nas duas cidades.

Alguns pequenos anúncios comerciais podiam ser vistos em *Novos Rumos*. Eram raros, mas existiam. Jugend, Filho Cia. Ltda., loja de joias e relógios; Refrigeração Brasília; Indústrias Luxor Ltda. e Acriflex, todas empresas de Curitiba, publicaram pequenas chamadas de seus produtos.

¹⁹ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 247, 15-21 de novembro de 1963, p. 7.

²⁰ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 250, 6-12 de dezembro de 1963, p. 2.

²¹ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 250, 6-12 de dezembro de 1963, p. 5.

²² *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 255, 10-16 de janeiro de 1964, p. 6.

²³ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 253, 27 de dezembro de 1963-2 de janeiro de 1964, p. 6.

²⁴ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 253, 27 de dezembro de 1963-2 de janeiro de 1964, p. 7.

Da cidade de Santos, a Advocacia Dante Leonelli – especializada em questões trabalhistas – também fez publicidade de seus serviços²⁵.

Novos Rumos: operários e camponeses

Voltado para a militância, não era casual que grande parte das notícias publicadas fosse dedicada para o movimento sindical. Em todas as edições, havia muitas notícias sobre mobilizações de trabalhadores, encontros sindicais e greves. A linha editorial do jornal era a de apoiar o movimento sindical e as paralisações de maneira irrestrita. Metalúrgicos, têxteis, bancários, marítimos, professores, aeroviários, servidores públicos, entre diversas outras categorias receberam apoio nas suas lutas em *Novos Rumos*.

Um desses movimentos grevistas foi o que ficou conhecido como “greve dos 700 mil”, iniciado em fins de novembro de 1963, em São Paulo. Segundo notícia na primeira página do jornal, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria dirigia o movimento, mobilizando suas 55 Federações a favor da luta dos trabalhadores em greve. Em todo o país, continuava o texto, estavam em alerta o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), o Pacto de Unidade e Ação (PUA), a Comissão Permanente das Organizações Sindicais (CPOS) e o Fórum Sindical de Santos. “Mais uma vez”, afirmava a reportagem, “os trabalhadores de todas as categorias, de todos os Estados, entendem que a luta travada em São Paulo, agora de forma mais aguda, é a mesma luta em que todos estão há muito permanentemente empenhados, contra o aviltamento salarial e por medidas efetivas contras as causas reais da carestia”²⁶.

Entre as muitas notícias sobre o movimento sindical, havia também sobre eleições de diretorias. A vitória de chapas identificadas com os comunistas era anunciada como grande avanço nas lutas dos trabalhadores. Em setembro de 1963, *Novos Rumos* noticiava que os enfermeiros e trabalhadores da cidade de Santos derrotaram seus adversários, qualificados de “reação ibadiana” – referência ao Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), órgão de matriz anticomunista²⁷. Em outra eleição, a chapa identificada com as esquerdas venceu as eleições no Sindicato dos Enfermeiros e Empregados em Hospitais e Casas de

²⁵ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 253, 27 de dezembro de 1963-2 de janeiro de 1964, p. 5.

²⁶ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 245, 1-7 de novembro de 1963, 1ª página.

²⁷ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 238, 13-19 de setembro de 1963, p. 4. Sobre o IBAD veja DREIFUSS, René A. *1964: a conquista do Estado*. Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis, Vozes, 1987.

Saúde de São Paulo, “afastando assim, dali, os pelegos que há 8 anos vinham travando as lutas da categoria”, afirmava o jornal.

As lutas camponesas também estavam presentes em *Novos Rumos*. As mobilizações de trabalhadores rurais eram bastante valorizadas e, via de regra, encontravam-se notícias sobre ocupação de terras, defesa da reforma agrária, denúncias de violências contra camponeses, bem como sobre as atividades da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB) e da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG). A II Conferência Estadual de camponeses, ocorrida em São Paulo, por exemplo, recebeu ampla cobertura de *Novos Rumos*, com depoimentos de vários representantes do movimento camponês. Entre as resoluções finais da Conferência, constava a reforma da Constituição “para tornar possível a desapropriação dos latifúndios com pagamento em títulos públicos, sem reavaliação e a longo prazo”²⁸. Tratava-se, na verdade, de uma das mais importantes reivindicações das esquerdas da época: reforma agrária com desapropriação de terras sem indenizações ao proprietário.

Sobre as lutas dos trabalhadores rurais, *Novos Rumos* dava especial destaque para a ULTAB e a CONTAG. Ambas as organizações mantinham vínculos políticos com o PCB. Por essa razão, não se encontram, em nenhuma edição do jornal, notícias sobre as Ligas Camponesas ou referências ao nome de Francisco Julião. Como concorrentes mais expressivos dos comunistas no mundo rural, as Ligas e Julião somente surgiam no jornal para receberem críticas às suas propostas políticas²⁹.

Em *Novos Rumos*, o Comando Geral dos Trabalhadores era noticiado em praticamente todas as edições. Para os comunistas, a central sindical era o órgão legítimo e representante máximo dos trabalhadores. Em diversas questões, os diretores do CGT eram chamados a opinar no jornal, da rebelião dos sargentos em Brasília ao episódio do estado de Sítio. Quando atacado por setores conservadores, *Novos Rumos* defendia, com veemência, a presença do CGT e sua legitimidade na vida política brasileira. Diante das críticas do general Peri Belivácqua à organização sindical, alegando que se tratava de um órgão ilegal, o jornal comunista apoiou a central sindical. Com o título de “Repúdio Geral a Peri e Solidariedade ao CGT”, vários parlamentares e sindicalistas se

²⁸ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 239, 20-26 de setembro de 1963, p. 7.

²⁹ Em artigo intitulado “Teses errôneas e nocivas”, o líder comunista Giocondo Dias formulou duras críticas às ideias defendidas por Francisco Julião. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 176, 29 de junho-5 de julho de 1962, p. 3. No artigo “Que são as Ligas Camponesas”, Rui Facó também criticou Julião e as Ligas. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 197, 23-29 de novembro de 1962, p. 5.

manifestaram favoráveis à organização e contra os ataques do general. Na coluna “Vida Sindical”, Agostinho Oliveira afirmou: “os grupos reacionários de dentro ou de fora do governo não vêem com bons olhos a crescente ascensão do proletariado brasileiro nas lutas em prol da emancipação econômica e social de nossa pátria. Caem em pânico, gritam com a força de todos os pulmões que o CGT é ilegal, que precisa ser fechado, que é uma organização fora da lei. [...] Os grupos reacionários, todos os agentes do imperialismo, os gorilas não perderão por esperar por esse desagravo que virá”³⁰.

As matérias sobre o movimento sindical urbano e as lutas camponesas receberam tratamento privilegiado nas páginas de *Novos Rumos*. Para os comunistas, eram os atores centrais da vida política brasileira.

Prestes, o líder comunista

Luís Carlos Prestes continuava como liderança máxima no PCB. Como se tornou comum desde 1946, seus aniversários eram comemorados com textos laudatórios, repletos de elogios. Na edição de janeiro de 1964, na primeira página, *Novos Rumos* publicou nota intitulada: “Prestes: 66 anos gloriosos e fecundos”³¹. O 3 de janeiro, dia de nascimento de Prestes, não era data festiva apenas para os comunistas, dizia a nota, mas “para os trabalhadores, democratas e patriotas brasileiros”. Seguiu-se, então, relato teleológico e hagiográfico, comum nas biografias escritas sobre os comunistas. Prestes, desse modo, “desde a juventude, decidiu colocar incondicionalmente a serviço de seu povo a sua inteligência e a sua honradez, o seu patriotismo e a sua fibra de revolucionário”. O artigo continuava com o relato dos episódios da coluna militar que comandou, nos anos 1920, e dos sofrimentos nas prisões na década de 1930 – embora omitisse a insurreição de 1935. Naquele momento, em 1964, à frente do movimento comunista brasileiro, concluía a nota, Prestes dava inestimável contribuição “até alcançar a vitória final, a luta dos trabalhadores e de todos os patriotas e democratas brasileiros pela libertação nacional, pela paz entre os povos, por uma democracia autêntica. Dirigente marxista e líder querido do proletariado, é Prestes um exemplo de lutador infatigável pela causa do progresso social e do socialismo”.

O nome de Luiz Carlos Prestes, desde 1945, era usado pelos candidatos comunistas a cargos legislativos. Nas eleições de outubro de

³⁰ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 240, 27 de setembro-3 de outubro de 1963, p. 2.

³¹ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 254, 3-9 de janeiro de 1964, 1ª página.

1962, vários militantes do PCB participaram das eleições. A referência ao líder comunista, nessas ocasiões, não poderia ser dispensada. Nas páginas de *Novos Rumos*, podia-se ler: “Prestes indica”. A seguir, os nomes de alguns candidatos: Hércules Corrêa pelo PTB e Marco Antonio, João Massena e Sinval Palmeira pelo PST (Partido Social Trabalhista)³².

A insurreição de 1935 foi tema da edição de novembro de 1963. Questão delicada na história do PCB, o próprio Luis Carlos Prestes escreveu artigo, relatando, à sua maneira, o que foi a insurreição. “A 23 de novembro de 1935”, dizia Prestes, “insurge-se, na cidade de Natal, o Batalhão de Caçadores do Exército Nacional. Pela primeira vez, em nosso país, é substituído o governo de latifundiários e agentes do imperialismo pelo poder popular de uma Junta Revolucionária que tem por bandeira um programa nacional libertador”³³. A seguir, no Recife, militares também se insurgem e “milhares de armas são entregues ao povo, aos trabalhadores residentes nos mocambos do Recife que lutam heroicamente, ao lado dos soldados, nas ruas do bairro de Afogados”. A seguir, veio o levante militar no Rio de Janeiro, mas logo sufocado por forças leais ao governo. Segundo Prestes, “estava derrotada, assim, em poucos dias, a primeira insurreição nacional libertadora, anti-imperialista e antifeudal, dirigida pela classe operária, em nosso país”. No entanto, se o poder dos latifundiários e agentes do imperialismo “fora abalado”, Prestes reconhece que os comunistas não estiveram à altura dos acontecimentos. Mas alega que não foi erro ter “empunhado armas contra o fascismo”. Ao contrário, “graças à insurreição militar de 1935, salvamos nossa Pátria do fascismo”, sobretudo o domínio do integralismo sobre o país. Trata-se de uma maneira muito peculiar de contar os acontecimentos da insurreição de 1935. Prestes, assim, elaborava uma determinada memória sobre aqueles acontecimentos³⁴.

Amigos e inimigos

Como é comum em organizações políticas, determinadas conjunturas incitavam os comunistas a apontarem os amigos e os inimigos, os aliados e os adversários.

Personagem muito presente nas páginas de *Novos Rumos* era o governador de Pernambuco Miguel Arraes, interpretado como aliado

³² *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 190, 4 de outubro de 1962, p. 3.

³³ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 254, 3-9 de janeiro de 1964, 1ª página.

³⁴ Veja PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros. História e memória do PCB*. Rio de Janeiro, Relume-Dumaré, 1995.

político. O jornal abria muitos espaços em suas páginas para ele, seja com entrevistas, seja com reportagens sobre seu governo. Com o título “Arraes denuncia especuladores e espoliação imperialista”, o governador afirmou que a fome no nordeste não era devido, somente, ao fenômeno da seca, mas por causa da ação, por exemplo, das empresas estrangeiras que dominam o mercado algodoeiro, controlando os preços e as exportações³⁵. Em suas entrevistas, Arraes concordava com as análises do conjunto das esquerdas reunidas na Frente de Mobilização Popular (FMP)³⁶ e com o PCB, afirmando que, no plano interno, o governo Goulart, em aliança com o Partido Social Democrático (PSD), não conseguia debelar a crise econômica. No plano externo, o problema do país era o imperialismo que visava “manter e aprofundar o processo espoliativo da nossa economia, procurando liquidar as possibilidades nacionais de emancipação econômica”³⁷.

Também apareciam nas páginas de *Novos Rumos* duas frentes políticas compreendidas como aliadas políticas: a Frente de Mobilização Popular e a Frente Parlamentar Nacionalista (FPN). Era comum o jornal anunciar comícios da FMP. Notas assinadas pelas duas frentes eram publicadas em *Novos Rumos*. Leonel Brizola frequentemente aparecia nas páginas do jornal. Muitos espaços eram concedidos às suas críticas a Goulart e às empresas norte-americanas. Brizola era considerado um aliado na luta política, apesar da disputa do líder trabalhista com Luís Carlos Prestes pela liderança do movimento reformista e nacionalista. Os comunistas, no entanto, o queriam com aliado na Frente Única que

³⁵ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 251, 13-19 dezembro de 1963, p. 3.

³⁶ Leonel Brizola, no início de 1963, uniu diversos partidos, grupos e movimentos de esquerda na Frente de Mobilização Popular. Participavam da frente o Comando Geral dos Trabalhadores, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, o Pacto de Unidade e a Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito; a União Nacional dos Estudantes e a União Brasileira de Estudantes Secundaristas; o Comando dos Trabalhadores Intelectuais, os subalternos das Forças Armadas, como sargentos, marinheiros e fuzileiros navais por meio de suas associações; facções das Ligas Camponesas; grupos de esquerda revolucionária como a Ação Popular, o Partido Operário Revolucionário-Trotskista, os nacional-revolucionários que seguiam a liderança de Leonel Brizola e segmentos de extrema-esquerda do PCB; parlamentares do Grupo Compacto do Partido Trabalhista Brasileiro, da Frente Parlamentar Nacionalista, do Partido Socialista Brasileiro e do Partido Social Progressista. Miguel Arraes e seu grupo político também integravam a frente, embora mantivessem posições de independência em relação a Brizola. Sobre a Frente de Mobilização Popular veja FERREIRA, Jorge. “A estratégia do confronto: A Frente de Mobilização Popular”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Anpuh, vol. 24, n. 47, jan-jun, 2004 e do mesmo autor “Esquerdas no Panfleto. A crise política de 1964 no jornal da Frente de Mobilização Popular”. In: *Anos 90*, revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Porto Alegre, n. 29, julho de 2009.

³⁷ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 252, 20-26 de dezembro de 1963, p. 3.

defendiam. Francisco Julião, como vimos anteriormente, não tinha espaços em *Novos Rumos*. Quando surgia era para ser criticado.

O movimento estudantil, em particular a União Nacional dos Estudantes (UNE), também estava presente nas páginas de *Novos Rumos*, bem como notícias sobre os Centros Populares de Cultura, o CPC. Na edição de setembro de 1963, o jornal informava que o CPC do Paraná, com programa elaborado pela União Paranaense dos Estudantes (UPE), visitou as cidades de Londrina, Apucarana, Maringá e Jagupitã, exibindo peça teatral para adultos e teatrinho de fantoches para as crianças, com público variando de 500 a 1.500 pessoas. Em Maringá, o jornal informou que 80% do público era formado por operários e camponeses. Outras cidades estavam nos planos do CPC³⁸. Em termos gerais, as notícias em relação aos aliados eram sempre de avanços e vitória do movimento popular.

Mas *Novos Rumos* elegeu seus inimigos políticos. Entre eles, havia um em particular: Carlos Lacerda. As notícias sobre seu governo e suas práticas eram as piores: corrupção administrativa, violência policial, golpismo político e gastos excessivos com publicidade governamental. Em particular, reportagens ressaltavam a maneira violenta e discricionária como favelas eram removidas da Zona Sul do Rio de Janeiro e cujos moradores eram enviados para residirem em regiões longínquas da cidade. Em novembro de 1963, reportagem denunciava arbitrariedade policial contra os moradores da favela Macedo Sobrinho, em Botafogo. Segundo o jornal,

“dezenas de elementos da polícia civil e militar, fortemente armados e munidos de rádios portáteis, cercaram todo o morro e, em seguida, com o auxílio de cães amestrados, invadiram os barracos dos favelados indefesos, maltratando-os, arrombando-lhes as malas e guarda-roupas, roubando-lhes os pertences, prendendo centenas de trabalhadores que àquela hora se preparavam pra ir ao serviço”³⁹.

Lacerda também era criticado por sua subserviência ao imperialismo, pela truculência da polícia do estado e por sua liderança conservadora, direitista e golpista. Ele era compreendido como inimigo político – e daí os ataques e as críticas contundentes.

Outro personagem também era interpretado como adversário, embora apresentado como perigo menor: Juscelino Kubistchek. Para ele, os comunistas dedicavam mais ironias do que propriamente críticas. Com o título: “JK, antes pelo contrário”, *Novos Rumos* tratou o ex-presidente

³⁸ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 238, 13-19 de setembro de 1964, p. 6.

³⁹ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 247, 15-21 de novembro de 1963, p. 6.

com sarcasmo: “JK imagina poder navegar com a mesma placidez e inconseqüência de antes: faz um vôo hoje, um discurso amanhã, uma recepção festiva amanhã – e eis o inefável Juscelino sorridente e vitorioso...”⁴⁰. Os comunistas desprezavam os pessedistas e não levavam à sério a candidatura de JK à presidência da República nas eleições de 1965.

Havia, também, outro tipo de inimigo: os expulsos das fileiras do partido. Desde o período da legalização do PCB em 1945, era comum encontrar nas páginas dos jornais do partido notas comunicando a expulsão de militantes. Em diversas edições de *Novos Rumos*, encontravam-se pequenas notas como esta: “Os comunistas de Santo André tornam público que sr. Jurandir Alécio, vereador neste município, não mais pertence às fileiras do movimento comunista, não podendo portanto falar em nome deste”⁴¹. Nesses momentos, os comunistas não se importavam com o ex-militante e o destino dele. Apresentado publicamente como comunista eleito por outro partido, Jurandir Alécio teria que dar explicações ao seu eleitorado e, muito certamente, à polícia política.

Os dois mundos

Matérias sobre política internacional eram comuns em *Novos Rumos*. No início de 1962, o jornal dedicou artigos em defesa da revolução cubana, em seu terceiro ano, bem como a íntegra do discurso de Fidel Castro no XI Congresso Nacional da Confederação dos Trabalhadores de Cuba⁴². Nos primeiros meses de 1962, páginas também eram dedicadas, em várias edições, aos temas debatidos no XXII Congresso do PCUS.

Novos Rumos deu continuidade à forte tradição enraizada na cultura e no imaginário político dos comunistas: a comparação entre o mundo socialista – entendido como a União Soviética e os países do leste europeu – e o mundo capitalista, prática iniciada nos anos 1930, quando Stalin liderou a industrialização soviética com o Primeiro Plano Quinquenal. A comparação entre os dois mundos, enfatizando a superioridade do socialismo e a decadência do capitalismo, era tema comum nas páginas do jornal⁴³.

⁴⁰ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 256, 17-23 de janeiro de 1964, 1ª página.

⁴¹ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 256, 17-23 de janeiro de 1964, p. 3.

⁴² *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 152, 5 a 11 de janeiro de 1962.

⁴³ Sobre a prática de comparar países socialistas e capitalistas ver FERREIRA, Jorge. Op. cit.

A página quatro era reservada para o modelo comparativo. À esquerda da página, uma coluna estreita, de cima a baixo da folha, intitulada de “Leste”, continha uma série de pequenas notas com notícias sobre o mundo socialista. À direita, também em coluna estreita e alongada intitulada “Oeste”, notícias demeritórias sobre o mundo capitalista.

Tomando como exemplo a edição de número 238, em “Leste” lemos que a República Democrática da Alemanha é um dos países mais avançados do mundo na questão da saúde pública; que são publicados na Tchecoslováquia anualmente 7 milhões de livros, com a média de 4,1 exemplares por habitante; que não há desemprego na União Soviética; que a Iugoslávia terá safra recorde de trigo; que existem 23 escolas populares de arte na Romênia; que a Bulgária está prestes a extinguir a poliomielite no país, devido à vacina desenvolvida por biólogo soviético.

No outro lado da mesma folha, na coluna “Oeste”, lemos que 500 cidadãos da Alemanha Ocidental “pediram acolhida” para a Alemanha Oriental e lá foram viver; que foi renovado o acordo militar entre os Estados Unidos e a Espanha, beneficiando a continuidade da ditadura de Franco; que acordos de Washington e Lisboa também favoreciam a ditadura de Salazar em Portugal; que o governador do estado de Alabama, George Wallace, era suspeito de ter distúrbio psicológico; que uma onda de manifestações racistas tomou conta dos estados do sul dos Estados Unidos; que o governo do Vietnã do Sul reprimia duramente manifestações estudantis⁴⁴.

A prática de publicar matérias sobre determinado país socialista e mostrar altas cifras de crescimento econômico e índices avançados de desenvolvimento social tornou-se comum na imprensa comunista, mesmo que não fosse apresentada nenhuma fonte sobre os números citados⁴⁵. O caso da Bulgária, nesse sentido, é exemplar. Naquele ano, 1963, *Novos Rumos* garantia que em 18 dias saíram das indústrias búlgaras a mesma quantidade de bens que o país produziu durante todo o ano de 1939. “Um ano em 18 dias”, garantia *Novos Rumos*, era a prova da superioridade do sistema socialista. Os números, sempre grandiosos, eram citados a seguir: 95% do país estava eletrificado; 92% dos alunos formados no curso primário continuam seus estudos, tornando a Bulgária “um dos primeiros lugares no mundo em percentagem de cidadãos com curso superior”. Com a coletivização da agricultura, o país avançou muito nessa área. Cerca de 10 mil tratores foram entregues às cooperativas de camponeses e a utilização de adubo cresceu 7,6 vezes em relação a

⁴⁴ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 239, 13-19 de setembro de 1963, p. 4.

⁴⁵ A prática iniciou-se nos anos 1930 e continuou pelas décadas seguintes. Ver FERREIRA, Jorge. Op. cit. e KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*. A recepção da idéias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta. Rio de Janeiro, Campus, 1988.

1952. Assim, “depois de incentivada a industrialização, coletivizada e mecanizada a lavoura, o povo e a classe operária búlgaros voltam-se para o aperfeiçoamento das relações socialistas de produção, que irão pouco a pouco provocando a mudança do poder da ditadura do proletariado para o Estado de todo o povo”⁴⁶.

A União Soviética, nas páginas de *Novos Rumos*, continuava a ser o modelo exemplar de sociedade a ser construída. Notícia extraordinária foi publicada na coluna “Leste” em setembro de 1963:

“Na União Soviética fazem-se agora operações do coração não apenas em clínicas e institutos especiais, mas também em hospitais regionais. A cirurgia do coração assimilou uma série de novos métodos. Entre eles, a aplicação da circulação de sangue artificial combinada à hipotermia, resfriamento artificial do organismo, permite operar radicalmente o coração aberto, eliminar efecções complexas, substituir válvulas, etc. Foi criada, por exemplo, a chamada válvula ‘meia-lua’ da aorta, exatamente igual à natural. O cirurgião fixa-a às paredes vaso. O material usado adquire qualquer forma durante o funcionamento do coração”⁴⁷.

Tudo o que se referia à URSS era noticiado de maneira, eloquentemente, elogiosa. Em artigo intitulado “Os construtores do comunismo – um debate histórico”, Luis Carlos Prestes escreveu:

“Foi com profunda emoção que acompanhamos os trabalhos do XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética. [...] Após realizar com êxito a construção do socialismo, os povos soviéticos, sob a direção do glorioso Partido Comunista, propõem-se agora a edificar a sociedade comunista, a qual, como afirma o novo Programa do Partido, tem a missão histórica de libertar a todos os homens da desigualdade social, de todas as formas de opressão e exploração e dos horrores da guerra e de fazer reinar a Paz, o Trabalho, a Liberdade, a Igualdade, a Fraternidade e a Felicidade entre todos os povos”⁴⁸.

As notícias e as cifras sobre o avanço econômico e social nos países socialistas se repetiam nas edições de *Novos Rumos*. Os comunistas brasileiros, dessa maneira, defendiam os ideais do socialismo e, ao mesmo tempo, formulavam imagens e representações de como seria viver em um mundo melhor. Além disso, mostravam, também, que alcançar esse novo mundo era possível. Os países socialistas surgiam como modelos exemplares de sociedades. Afinal, se os soviéticos, búlgaros e outros povos do leste europeu conseguiram construir um mundo avançado, em termos econômicos, e harmonioso na questão social, os brasileiros também poderiam fazer o mesmo.

⁴⁶ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 237, 6-12 de setembro, de 1963, p. 4.

⁴⁷ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 237, 6-12 de setembro de 1963, p. 4.

⁴⁸ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 155, 26 de janeiro-1º de fevereiro de 1962, p. 4.

Os comunistas e Goulart

Os comunistas eram fortes críticos de João Goulart. Desde que assumiu a presidência da República, Jango escolheu a estratégia de reforçar a aliança do PTB com o PSD no Congresso Nacional, repetindo a coalizão parlamentar que deu estabilidade política a Juscelino Kubistchek. As reformas de base, nesse sentido, não seriam aprovadas em sua versão máxima, como queriam as esquerdas, porque teriam que ser negociadas entre petebistas e pessedistas. Goulart queria aprovar as reformas por vias institucionais e, para isso, ter maioria parlamentar no Congresso Nacional era fundamental em sua estratégia. Acordos, pactos e compromissos políticos no parlamento entre o PTB e o PSD viabilizariam a aprovação das reformas pelo Congresso Nacional⁴⁹.

As Reformas de Base faziam parte da plataforma política de João Goulart. Chamada pelos comunistas de “reformas estruturais da sociedade”, elas se tornaram a grande bandeira de luta dos comunistas aliado aos trabalhistas, nacionalistas e outras forças de esquerda. Tratava-se de um conjunto de alterações na vida econômica e política do país, visando melhor distribuição da renda e o desenvolvimento econômico. A reforma agrária era a exigência central, mas delas também faziam parte a reforma urbana, administrativa, bancária e universitária. Além delas, a extensão do voto aos analfabetos e subalternos das Forças Armadas e a legalização do Partido Comunista.

Um dos problemas enfrentados por Goulart era a oposição das esquerdas trabalhistas, comunistas e nacionalistas à sua estratégia. Líderes de esquerda, como Luis Carlos Prestes, Leonel Brizola, Miguel Arraes e Francisco Julião eram contra a aliança com o PSD de maneira contundente. As esquerdas reunidas na Frente de Mobilização Popular repudiavam qualquer proximidade com o PSD. A Frente Parlamentar Nacionalista, o CGT e a UNE, também integrantes do FMP, igualmente, eram contra a aliança com os pessedistas.

Os comunistas não agiram de maneira diferente. Críticos contundentes da estratégia de Goulart, o PCB fazia coro com a FMP, recusando a opção política de Jango de buscar aliança com o PSD – chamada, na época, de “política de conciliação”. As críticas a Jango por ter o PSD como aliado eram comuns em *Novos Rumos*. Os editoriais do jornal se repetiam na recusa às escolhas políticas do presidente. Para os

⁴⁹ Ver FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. 1964. *O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014 e FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. 1993. *Democracia ou reformas; alternativas democráticas à crise política 1961-1964*, São Paulo, Paz e Terra.

comunistas, Goulart necessitava “romper com a política de conciliação que vem seguindo, de desfazer a aliança com a cúpula retrógrada do PSD, de recompor o sistema de forças que o constitui”⁵⁰. Em outro editorial, havia a pergunta: “como esperar reformas de base, soluções para os problemas do povo, de um governo que é produto da aliança com a cúpula retrógrada do PSD?”⁵¹ A alternativa era a mesma defendida pela Frente de Mobilização Popular: o rompimento com o PSD e a formação de um governo exclusivo das esquerdas. A proposta dos comunistas era a formação de uma Frente Única com a participação da FMP, do PCB, do CGT e do grupo político de Miguel Arraes.

Jango deveria romper com o PSD e nada esperar do Congresso Nacional, instituição vista como reacionária. Com o fim da aliança com o PSD e outros partidos de centro, a oposição ao governo teria maioria parlamentar. Mas o problema seria contornado com a pressão popular sobre o Congresso Nacional. As reformas seriam aprovadas pelos parlamentares pressionados por comícios, greves e mobilizações do povo nas ruas. Daí a necessidade do “fortalecimento da frente única”, ou seja, a formação de uma frente das esquerdas. Nesse sentido, os comunistas tinham projeto idêntico ao da FMP:

“a formação de um novo governo apoiado nas forças nacionalistas e democráticas e formado por homens a elas vinculados é, hoje, uma exigência irrefreável da esmagadora maioria da Nação. Só um governo desse tipo, armado com um programa de firme inspiração patriótica e progressista, e contando com o decidido apoio das grandes massas do povo, terá condições de converter em realidade as reformas de estrutura, golpear a espoliação imperialista e suprimir odiosos privilégios que estão levando o nosso povo a uma situação cada dia mais aflitiva”⁵².

Palavras finais

Novos Rumos foi publicado, regularmente, até o número 264, referente à semana de 20 a 26 de março de 1964. A seguir, houve a última edição, mas em caráter extraordinário. Nela, não constava o número, nem a semana correspondente. Havia, tão-somente, a data de 27 de março. Suas páginas voltaram-se, na maior parte, para a rebelião dos marinheiros e o apoio dos comunistas ao movimento. Com o golpe militar, ocorrido nos dias 31 de março e 1º de abril daquele ano, *Novos Rumos* deixou de existir.

⁵⁰ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 249, 29 de novembro-5 de dezembro de 1963, 1ª página.

⁵¹ *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 251, 13-19 de dezembro de 1963, 1ª página.

⁵² *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, n. 252, 20-26 de dezembro de 1963, 1ª página.

Como jornal do Partido Comunista Brasileiro, *Novos Rumos* não inovou em relação aos veículos de comunicação anteriores, mantendo a linha editorial de tratar predominantemente de questões políticas, de noticiar atividades dos movimentos sindical e camponês, de atacar os adversários e o governo, de exaltar as vitórias do socialismo no mundo, entre outras práticas presentes desde a década de 1930.

O jornal veiculou a orientação política inaugurada com a “Declaração de março de 1958”. Mas, em suas páginas, não encontramos moderação política. Não há, em *Novos Rumos*, a imagem que ficou, para as gerações posteriores, de um Partido Comunista que abandonou a luta revolucionária, optando pela via parlamentar dentro das regras da democracia-liberal ou, ainda, do reboquismo ao governo de João Goulart. *Novos Rumos* foi jornal de oposição a Jango e, fazendo coro com a Frente de Mobilização Popular, exigia a decretação imediata das reformas e um governo formado exclusivamente pelas esquerdas.